

APONTAMENTOS SOBRE OS CORPOS/EDUCANDOS PELO VÉRTICE FOUCAULTIANO

Yvisson Gomes dos Santos¹

RESUMO

O presente artigo trata sobre os corpos/educandos no âmbito da Educação. Têm-se como verniz teórico as concepções foucaultianas de vigilância e punição, *a priori*, nas quais se estendem a práticas *do cuidado de si* (FOUCAULT, 2010). Estabelecer uma diacronia e buscando uma sincronia entre esses dois temas (docilização e cuidado de si), indo em direção à estética da existência em Foucault, faz-nos pensar que a verticalidade de poderes que são colocados no âmbito escolar tende a inviabilizar os aspectos necessários dos corpos em suas diferenças e idiosincrasias. O ato individualizante, uma dessas verticalidades, dos corpos/educandos em uma atmosfera educativa poderá obliterar o *modus operandi* inerente aos discursos dos desejos, das alterações, do *cuidado de si* através da ética e da dietética foucaultianas na Escola – espaço não necessariamente físico, mas estético. Buscamos, como conclusão, reconhecer que o *cuidado de si* se dará com a observância de práticas que acionam os sujeitos aos vértices indissociados do *cuidado de si*.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault. Corpos. Escola.

¹ Doutorando em Educação pelo PPGE/CEDU/UFAL. E-mail: yvissongomes@hotmail.com. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8798-123X>

INTRODUÇÃO

Com o advento da idade moderna e suas relações lógico-semânticas com o discurso da razão, do *logos*, – ou como queriam os latinos: da *Ratio* –, produziu-se uma epistemologia voltada quase que unicamente ao perfil teórico da racionalidade, salvo algumas exceções. Com a entrada do estruturalismo e do pós-estruturalismo pela via do discurso², a fala dos sujeitos ficou ameahada de cisões, escanções, desconstruções e aliterações a uma ordem discursiva conflitante.

Na Educação constatamos que houve mudanças performativas com relação ao seu corpo teórico e de práxis. Educar, quando pensado como *educare* (*do latim*), que vem de conduzir –, ganhou novos contornos idiossincráticos no processo de ensino e aprendizagem, escotomizando quem são os sujeitos da Educação e quais seus papéis no orbe escolar. Nossa questão é o encontro desse educar com a Escola, considerando-a um espaço privilegiado do saber. Para tal, pesquisamos a pertinência da teoria foucaultiana sobre os corpos em sua fase arqueológica e da ética (ou o do *cuidado de si*).

Os corpos/saberes da disciplina, da docilização é o trajeto teórico que propomos em nossa investigação. **O nosso problema central é:** se há corpos/educandos na Escola³, disciplinados e regidos pela docilização e normalização, como vê-los pela ótica do cuidado de si – mesmo em forma de apontamentos?

Sabe-se que no âmbito escolar temos vários corpos que a habitam, considerando-a submetida a ações disciplinares, punitivas e coercitivas, mas ainda assim: como o lugar do saber/razão para se falar da cultura clássica grega (*Paideia* - Educação) à atualidade.

Fracionar essa racionalidade, ou desconstruí-la tem sido o caminho trilhado por pensadores franceses, e em especial, por Michel Foucault (1984; 1984a; 1985; 2003; 2010; 2014). Tratar o espaço escolar como devedor desse saber, soa-nos como necessário de investigação, pois nele existem discursos de controles disciplinares

² Observamos que essas duas escolas representaram, a partir dos anos 60 do século XX, um norteador para a filosofia da época. Não nos esqueçamos de que Michel Foucault transitava por essas escolas, mas não se definia em nenhuma delas em seu escopo teórico. Como pesquisador Do presente artigo, podemos dizer que ele não se ausentou delas por inteiro, porém foi um “andarilho” que se aproximava e se distanciava das mesmas.

³ No *corpus* deste artigo, trataremos mais adiante sobre o que queremos dizer sobre Escola.

intermitentes (isso já sabemos), mas: como poderá haver uma dietética na categoria educando?

A percepção do *cuidar de si*, com o verniz foucaultiano, revelam-nos a iminência de ver em qual territorialidade a Escola deve e se pode encontrar na irrupção da novidade. Nosso método de pesquisa é a de uma metaanálise atinente ao tema proposto dos textos de Foucault e comentadores. E na inserção dos textos foucaultianos iremos nos deslocar fundamentalmente pelo corpo/construção, localizado no seio da sociedade ocidental, na qual a escola como lugar corporificado/imiscuído/visceral de sujeitos, ora educa, ora disciplina, e, ora se desdobram os corpos como reflexivos e de uso de práticas voltadas à sua rarefação imprescindível: ou seja, de sujeitos da educação como organismos vivos, dentro do mecanismo do saber/poder/prazer (nossa aposta) que se reinventa nesse espaço educativo.

DO CORPO DOCILIZADO AO CORPO ÉTICO: POR UMA ESCOLA NECESSÁRIA

Para se tratar do corpo/educando na Escola e suas escansões na visão foucaultiana é-nos necessário dizer que este espaço privilegiado chamado de Escola é uma instituição disciplinar que, segundo Foucault, produz sujeitos dóceis.⁴

Eivados dessa noção preliminar, podemos dizer: há corpos que habitam tal recinto, – esse *habitat* ainda em tempos hodiernos não se desconstruiu por inteiro, mas aponta tal desconstrução.⁵ Quando falamos em desconstrução, listamos que os corpos na Escola são passíveis de submissão, de classificação, de controle e que são vigiados constantemente.

Um trajeto histórico dos corpos/educandos na escola até o cuidado de si (como instância de uma pragmática helena e revisitada por Foucault), que vem do grego *epimeléia heautoû*⁶, trata-se de técnicas que objetivariam o cuidado dos sujeitos. A trajetória colocada por Foucault (2010)⁷ vem desde a Era Clássica Grega, no seu V século a.C, desdobrando-se em épocas posteriores, até a modernidade, como uma

⁴ FOUCAULT, M. **Poder-corpo**. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

⁵ VEIGA-NETO, A. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

⁶ Do grego: Cuidado de si.

⁷ FOUCAULT, M. **Hermenêutica do sujeito**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

terapêutica que visa no corpo as experiências pelas quais os sujeitos se modificam para ter acesso à verdade.

Quando falamos dessa substância “verdade” nos referimos à verdade não como uma metafísica, mas enredada de historicização: a saber, a verdade de cada tempo histórico do sujeito e de sua comunidade pertencente (MUCHAIL, 2011)⁸. Ora, para a Educação como um todo, o cuidado dos corpos/educandos deverá ter uma relação intrínseca entre alma e o corpo (não como construtos metafísicos – além do sensível), mas buscando focalizar que “o fim principal a ser proposto para si próprio deve ser buscado no próprio sujeito, na relação de si para consigo e a verdade” (FOUCAULT, 1985, p.69).⁹

A Escola que a encontramos naturalizada, ou seja, preservando os traços de uma educação regida por normas, avaliações e *desconsideração ética* pelos corpos que a residem, nos faz esquecer que:

O corpo é ao mesmo tempo uma massa, um invólucro, uma superfície que se mantém ao longo da história. [...], isto é, matéria, literalmente um lócus físico e concreto. Essa matéria física não é inerte, sem vida. [...] pode-se dizer que o corpo seria um arcabouço para os processos de subjetivação, a trajetória para se chegar ao ‘ser’ e também ser prisioneiro deste. A constituição do ser humano, como um tipo específico de sujeito, ou seja, subjetivado de determinada maneira, só é possível pelo ‘caminho’ do corpo (MENDES, 2006, p.168).¹⁰

Negar essa história do corpo e pensar a Escola com cadeiras enfileiradas, um espaço para educando e educador preestabelecidos fulminam a ideia de uma *dietética*, do *cuidado de si* entre os sujeitos da educação. Isso nos reporta a uma docilização, ou de outra maneira, a um disciplinamento tradicional que perfaz o *modus operandi* do território da sala de aula e da Escola como um todo. Não nos referimos, especificamente, a uma Escola da Educação Básica ou Superior, mas a seus conjuntos e aspectos identitários que não se desconstroem desde o estabelecimento medieval de certa forma de educar (FOUCAULT, 1984).

Os trajetos de uma Escola e de seus corpos são vistos, *a priori*, como docilizados, controlados, normalizados historicamente (FOUCAULT, 1984). Entender ao modo de uma catafórica nessa pesquisa, requerer-se-á do pesquisador um olhar

⁸ MUCHAIL, S. T. **Foucault, mestre do cuidado**: textos sobre hermenêutica do sujeito. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

⁹ FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

¹⁰ MENDES, C. L. **O corpo em Foucault**: superfície de disciplinamento e governo. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis EDFSC, n. 39, abril, 2006.

atento à teoria, bem como a prática que pode ser esboçada na própria teoria, através da intertextualidade que nos apresentam sobre os corpos/educandos como sujeitos e subjetivação.

Essa tensão entre sujeito e subjetivação, como díspares, *a priori*, será lembrada por Foucault, leitor de Lacan, nas seguintes palavras:

[...] nós descobríamos que a filosofia e as ciências humanas viviam sobre uma concepção muito tradicional do sujeito humano, e que não bastasse dizer, ora uns, que o sujeito era radicalmente livre, e ora com outros, que ele era determinado por condições sociais. Nós descobríamos que era preciso procurar libertar tudo o que se esconde por trás do uso aparentemente simples do pronome 'eu' (je). O sujeito: uma coisa complexa, frágil, de que é tão difícil falar, e sem a qual não podemos falar (FOUCAULT, 2014, p. 301-302).

Na acepção exposta por Foucault, podemos aferir que o sujeito como sujeito está ainda em uma ortopedia do eu, e que a subjetivação – aquela em (des)construção contínua e histórica – alcança patamares distintos na diacronia das complexidades que a subjetivação nos fornece na leitura lacaniana referendada por Foucault.

Temos de lembrar que a etimologia da palavra escola, do latim, *schola*, refere-se a todo lugar onde exista uma relação de instrução e aprendizado (FERREIRA, 1986¹¹). Essa relação de instrução e aprendizado como reconhecida, deverá ser cindida e dar-nos um impacto de qual lugar a escola deverá ocupar na contemporaneidade.

Dentro da perspectiva da historicização, deve-se pontuar: “a disciplina reina na escola” (FOUCAULT, 1984, p. 15), os trajetos epistemológicos que fizeram uma escola ser de fato uma escola se adensa de disciplinamentos.

Concordamos com Foucault quando diz sobre o poder ligado ao disciplinamento:

[...] deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele 'exclui', 'reprime', 'recalca', 'censura', 'abstrai', 'mascara', 'esconde'. Na verdade o poder produz; ele produz realidade, produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção (1984, p. 172).¹²

A ação do poder investido ao espaço escolar tem a função de repressão para os que vivem nessa realidade. Podemos dizer que os corpos que habitam a Escola sofrem diretamente desse meio de produzir sujeitos que se entendem como receptáculos verticais de uma ordem advinda de cima para baixo. Ou seja: observa-se que para a “não existência do sujeito na Escola como sujeito enquanto corpo” (termos nossos) se

¹¹FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986.

¹²FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

promove uma descentralização, ou indo além, um assujeitamento de alunos e professores no âmbito escolar. Falando de outra maneira:

O corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprio a um organismo. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e 'celular', mas também natural e 'orgânica' (FOUCAULT, 1984, p. 141).¹³

Essa organicidade do corpo, tal como sua mutabilidade, se dará nos grupos dos quais a Escola abraça aos que nela fazem morada. Grupo de jovens das mais diversas orientações quer sejam sexuais, comportamentais, sociais, culturais, religiosas, dentre outros, são desconsiderados quando se pensa uma Educação de vértice tradicional (vertical). A saber: a passividade dos alunos frente à potência dos professores. Ou uma gestão que coloca em conflito a individualidade dos sujeitos organizando-os em uma espécie de igualdade universal, sem ver, inquirir e problematizar uma edificação pedagógica das diversidades. Para Foucault, nesta situação:

Nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. (1984, p. 119).¹⁴

Tocar o corpo obediente, disponível para investigá-lo foi parte sucessiva de uma exaustiva pesquisa de Foucault. O que podemos averiguar é que “descentrar” o corpo de uma história, onde sua morada faz-se presente em reduto escolar, poderá culminar numa “inversão” da autonomia desse corpo/educando no qual:

[...] o exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que em todos os dispositivos de disciplina o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade (FOUCAULT, 1984, p. 164).¹⁵

Essas técnicas hierárquicas fazem dos sujeitos da Educação, vide educandos, subordinados a uma vigilância que requer uma punição. Normalizar significa enquadrar indivíduos em esferas jurídicas e disciplinares, esquecendo o maior eixo que os norteiam, a saber: a subjetividade.

A coerção indo a favor de uma verdade unívoca, quase metafísica, tem transformado as Escolas num sistema de comando e de militarização que adentra ao

¹³ FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

¹⁴ FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

¹⁵ FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

invés de educar; que responde ao invés de perguntar; que captura “a alma incauta do sujeito/educando” transformando-o em classificações e quantificações por não o entender autônomo ou com experiências que extrapolam o universo escolar.

Quando falamos em experiências, citamos Larrosa:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que passa está organizado para que nada nos aconteça (2016, p. 18).¹⁶

Tomados dessa experiência contingencial, em descobertas, pensamos que *cuidar de si* seja uma maneira de ir, transversalmente, à vigilância/punição através da eticidade pela via das práticas de si – vindo a transformar os sujeitos/educandos. Esse percurso será enunciado por Foucault que nas:

[...] práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmas regras de conduta, como também visam transformar-se, modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo (2010, p. 198-199).¹⁷

A estética do corpo e de seus elementos valorativos: de firmeza com a história individual e coletiva que marcam a Escola como um estilo de Educação direcionada, *a posteriori*, em fazer/saber educar pelas vias da integralização aos *modos de subjetivação* (CASTRO, 2016)¹⁸. Um dever que deveria estar presente nesse espaço educativo respeitando o ser em sua subjetividade.

De uma cultura disciplinar, coercitiva a uma cultura do *cuidado de si*, podemos afirmar que Foucault se interessou pela máxima de que para governarmos os outros se faz necessário governar a nós mesmos. E de que modo? Pelo viés da ética que se articula nas práticas de si, ou seja, estabelecendo uma boa relação com os corpos/educandos/sujeitos que se volta para uma dietética: para a “Arte da relação cotidiana do indivíduo com o próprio corpo” (1984, p. 115).¹⁹

Citamos Foucault que afirma:

O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre a criança e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos

¹⁶ LARROSA, J. **Tremores: Escritos sobre a Experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

¹⁷ FOUCAULT, M. **Hermenêutica do sujeito**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

¹⁸ CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

¹⁹ FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres**. 5.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

para bronzear até os filmes pornográficos [...] Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: 'Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!' A cada movimento de um dos adversários corresponde o movimento do outro. É preciso aceitar o indefinido da luta (1996, p. 147).²⁰

Falar sobre o corpo/sexualidade não nos interessa nesse momento, entretanto encarar este corpo dilacerado pela cultura da beleza, ou um corpo desprovido de sentidos racionais (uma marca da subjetividade que nos evoca a certeza que a instância corpo/educando diz mais do que uma corporeidade, porém fala de um compromisso ético de se respeitar o outro/corpo dentro do cômputo escolar, observando os códigos ideativos, afetivos desse corpo como passíveis de relação/aprendizado/ensino) é fator de nosso interesse.

Lembramos de Campos&Campos:

Todos reclamam que são muitos deveres. Professora ameaça: 'continuar conversando terá mais'. [...] Palmas e movimentos a serem seguidos pelos que estão prestando atenção até que todos a imitem é uma estratégia para evitar a dispersão. Eles vigiam os colegas constantemente (2006, p. 31).²¹

Essa vigilância recusa as identidades dos corpos que perfilam na escola. Talvez como estratégia de um poder, esconde-se o corpo que se movimenta através de punições e regras a serem seguidas. Como poderia se dar o traslado de um corpo dócil para um corpo do cuidado de si?

Pela via das afecções, dos afetos, ou indo além: do desejo. E onde nasce esse desejo em nossas investigações? Recorremos a Chauí:

A palavra Desejo tem bela origem. Desviva-se do verbo *desidero* que, por sua vez, deriva-se do substantivo *sidus* (mais usado *sidera*), significando a figura formada por um conjunto de estrelas, isto é, constelações. Porque se diz dos astros, *sidera* é empregado como palavra de louvor – o alto –e, na teologia astral ou astrologia, é usada para indicar a influência dos astros sobre o destino humano, donde *sideratus*, siderado: atingido ou fulminado por um astro. De *sidera*, vem *considerare* – examinar com cuidado, respeito e veneração – e *desiderare* - cessar de olhar (os astros), deixar de ver (os astros) (1990, p. 22).²²

No sentido exposto acima, o desejo move-se com o respeito em examinar com cuidado e veneração, acrescentamos com F. Cros (2014): examinar um cuidado que possibilite uma construção permeável com o trabalho ético.

²⁰ FOUCAULT, M. **Poder-corpo**. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

²¹ CAMPOS, P. F. M.; CAMPOS, V.: **Escola espaço de convivência**. Relatório - Estágio Supervisionado em Pedagogia. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2006.

²² CHAUI, M. **Laços do desejo**. In.: NOVAIS, A (Org). *O Desejo*. São Paulo: Funarte, 1990.

Essa eticidade, estilística da existência, será constituída da quebra de austeridades que dizem sobre o sujeito histórico. Na Escola, a queda dessa austeridade se dará com o respeito às diversidades que lá se encontram; o trânsito de práticas não somente como avaliações, provas, questionários, horas de chegada e saída, respeito às ordens regimentais da gestão escolar, não! Mas como teleologia do sujeito/educando que se expressa pela via da prática do *cuidado de si* na acepção grega. Como atestam Linhares e Majolo ([s.d], p. 01)²³:

Sendo a construção das Técnicas de si influenciada pela cultura, Foucault relata diferenças nas Técnicas associadas ao cuidado de si em diferentes tempos históricos: Grécia e Contemporaneidade. Além disso, ressalta a precariedade da constituição do sujeito contemporâneo, devido à presença da dimensão individualizante e totalizante, estranha aos gregos.

Grécia	Contemporaneidade
Indissociadas do cuidado dos outros	Individualizante
Busca: * da boa vida; * da transformação da vida em uma obra de arte; * de uma estética da existência	Jogo (conjunto de procedimentos que conduzem a uma verdade) de individualização que isenta o compromisso do sujeito no laço social

Desta feita, o *cuidado de si* é indissociado e não individualizante, buscando uma vida (*bíos*) que seja desfrutada pelo estético (a beleza, o belo) que perfaz o compromisso necessário do laço social estabelecido na atualidade através das *técnicas de si*.

Poderão existir *técnicas de si* para que o sujeito se governe visando governar os outros. Para se compreender essas *técnicas de si* como problematizadora, citamos Frédéric Gros²⁴:

A problematização dessas 'técnicas de si', frequentemente diferenciadas das técnicas de produção, comunicação e dominação, permite a Foucault problematizar um sujeito que não é simplesmente atravessado e informado pelas governabilidades exteriores, mas constrói, em meio a exercícios regulares, uma relação a ser definida. Essa espessura é de um lado a outro

²³ LINHARES, D. R.; MAJOLA, F. **Cuidado de si/Técnicas de si**. [s.d]. Disponível em << <http://www.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/espaco/cuidado-de-si.html>>> Acesso em Janeiro de 2020.

²⁴ "La problématisation de ces 'techniques de soi', souvent différenciée des techniques de production, de communication et de domination, permet à Foucault de problématiser un sujet qui n'est pas simplement traversé et informé par une gouvernabilité externe, mais qui construit, au milieu d'exercices réguliers, une relation ensemble. Cette épaisseur est historique et structurelle, structurant pour l'individu une certaine expérience de lui-même" (GROS, F. *Sujet Moral et soi éthique chez Foucault*. In: FOUCAULT, M. **Subjectivité et Vérité**. Paris: Gallimard, 2014).

histórico, estruturando para o indivíduo certa experiência de si mesmo (2014, p. 308).

E na Escola esses corpos/educandos necessitam aparecer, ser visíveis, para se respeitar as diferenças históricas, bem como desfazer os nós que obliteram o entendimento sujeito/corpo/escola de forma individualizante. Necessita-se de uma prática que compreenda jogos de saberes éticos para compor o que entendemos como Educação do *cuidado de si*. E essa prática se dará com as experiências de si mesmo e acrescentamos: com a finalidade de formar uma ética da existência onde a Escola, como *lócus* privilegiado, seja a que promove esse laço histórico e estruturado contra uma educação verticalizado em detrimento de um ensino e aprendizagem horizontais. Esse modelo se encontra na composição de uma abertura propositiva em que educando e educador sejam copartícipes nos processos educativos indissociáveis através da estética e da ética pelo viés foucaultiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que consideramos os corpos-educandos no âmbito da escola como um dos pontos centrais deste artigo. Com Foucault (1984), aprendemos que uma ordem disciplina e coercitiva traduzem a tradicional maneira de lidar com os educandos. Uma verticalidade que engendra poder individualizante.

Para se opor a esse modelo, pensamos no *cuidado de si* foucaultiano através da ética e da dietética. Ou seja: o reconhecimento que o *cuidado de si* se dará com a observância de práticas que acionam o sujeito às diferenças sem haver dissociação das realidades nas quais eles vivem através de seus corpos – corpos/educandos.

Encarar os saberes educacionais, pela via dos corpos, nos remete ao ensejo que Foucault nos trouxe de pensar a estética da existência como fomentadora do *cuidado de si* no espaço escolar. Esse cuidado sendo pontuado como necessário e mutável, historicamente, dentro da esfera escolar.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, P. F. M; CAMPOS, V.: *Escola espaço de convivência*. Relatório - Estágio Supervisionado em Pedagogia. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2006.
- CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2016.
- CHAUI, M. *Laços do desejo*. In.: NOVAIS, A (Org). *O Desejo*. São Paulo: Funarte, 1990.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986.
- FOUCAULT, M. *Hermenêutica do sujeito*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. *Poder-corpo*. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1984a.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres*. 5 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT. M. Lacan: o “libertador da psicanálise”. In. *Ditos e Escritos 1: Foucault: problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- GROS, F. *Sujet Moral et soi éthique chez Foucault*. In. : FOUCAULT, M. *Subjectivité et Vérité*. Paris: Gallimard, 2014.
- LARROSA, J. *Tremores: Escritos sobre a Experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- LINHARES, D. R; MAJOLO, F. *Cuidado de si/Técnicas de si*. [s.d]. Disponível em << <http://www.ufrgs.br/e-psico/subjectivacao/espaco/cuidado-de-si.html>>> Acesso em Janeiro de 2020.
- MENDES, C. L. *O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo*. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis EDFSC, n. 39, abril, 2006.
- MUCHAIL, S. T. *Foucault, mestre do cuidado: textos sobre hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- VEIGA-NETO, A. *Foucault e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

NOTES ON THE BODIES/EDUCANDES

BY THE FOUCAULTIAN VERTEX

ABSTRACT

This article deals with the bodies/learners in the field of Education. The theoretical varnish is the Foucaultian conceptions of vigilance and punishment, *a priori*, which extend to *self-care* practices (FOUCAULT, 2010). Establishing a diachrony and seeking a synchrony between these two themes (docilization and *self-care*), moving towards the aesthetics of existence in Foucault, makes us think that the verticality of powers that are placed in the school context tends to derail the necessary aspects of bodies in their differences and idiosyncrasies. The individualizing act, one of these verticalities, of the bodies/learners in an educational atmosphere may obliterate the operant modes inherent in the discourses of desires, altercations, self-care through Foucaultian ethics and dietetics in the School – not necessarily physical space, but aesthetic. As a conclusion, we seek to recognize that self-care will occur with the observance of practices that trigger subjects to the indissociated vertices of *self-care*.

KEYWORDS: Foucault. Bodies. School.

NOTES SUR LES CORPS/EDUCANDES DE LA VERTICE FOUCAULTIENNE

RÉSUMÉ

Cet article traite des corps/étudiants dans le cadre de l'éducation. Les conceptions de Foucault de la surveillance et de la punition, a priori, sont utilisées comme un vernis théorique, dans lequel s'étendent les pratiques d'autosoins (FOUCAULT, 2010). Instaurer une diachronie et rechercher une synchronie entre ces deux thèmes (docilisation et autosoins), s'orienter vers l'esthétique de l'existence à Foucault, fait penser que la verticalité des pouvoirs placés dans le contexte scolaire tend à rendre les aspects nécessaires irréalisables des corps dans leurs différences et idiosyncrasies. L'acte d'individualisation, une de ces verticalités, des corps/élèves dans une ambiance pédagogique peut anéantir le modus operandi inhérent aux discours des désirs, des altercations, des soins de soi à travers l'éthique et la diététique de Foucault à l'école - espace pas forcément physique, mais esthétique. En conclusion, nous cherchons à reconnaître que les soins personnels auront lieu en observant des pratiques qui déclenchent des sujets aux sommets qui sont inséparables des soins personnels.

MOTS-CLÉS: Foucault. Corps. École.

RECEBIDO EM 07/06/2020

APROVADO EM 25/03/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO